

As anunciadas reformas do ensino e nós

Açodadamente tem o País andado a discutir os textos programáticos das reformas do Ensino. Ainda bem! É sinal de vida, de vontade de colaborar, e ainda de que o Ensino está hoje no centro das preocupações da própria Nação. Realmente o futuro das pátrias reside fundamentalmente no que hoje se for fazendo no capítulo da Educação, no que hoje se for rasgando no campo do Ensino.

O Senhor Ministro da Educação Nacional, Professor Doutor Veiga Simão, entregou em Janeiro de 1971 à Nação dois textos programáticos para que fossem objecto de aturada e aprofundada crítica: Projecto do sistema escolar e Linhas gerais da reforma do Ensino Superior.

Para lá do elogio que merece a forma como o Ministro colocou a questão — que o País discuta esses diplomas da maneira mais ampla — há a notar alguns dos aspectos verdadeiramente inovadores daqueles textos. Ainda bem, repita-se.

Cadernos, como órgão de um sector técnico e profissional, já deu igualmente o seu parecer, como noutro número desta revista se registará.

Aqui, neste editorial, local próprio para se apontar uma doutrina, defender um ponto de vista, apenas queremos acentuar umas tantas questões e de forma breve, num reforço da posição essencial e que podemos resumir assim: aqueles diplomas ignoram a Biblioteca, o Livro, a Informação. E hoje não há pedagogia que resista a tal desconhecimento. E onde se nota tal ignorância?

No sistema escolar, no organograma geral: fala-se em toda a espécie de preparação, desde a Educação pré-escolar até à enfermagem, à educação física, às escolas militares, às ciências da educação, e nem uma só referência há aos cursos ou estágios dos bibliotecários, arquivistas ou documentalistas! Ignorância, inclusão noutros ramos? Não o sabemos. Só vemos é que eles não foram incluídos ou sequer referenciados...

Depois, a Educação Permanente, conquista do nosso tempo — ou antes consequência de um tempo de crise?... — também não se vê assinalada. E uma das grandes bases deste tipo de educação reside precisamente na Biblioteca.

Mas na nossa actividade não há apenas bibliotecas. Há informação científica e técnica, há centros de documentação, há ainda arquivos. Ora não vemos que aqueles dois textos, embora programáticos — ou talvez até por isso mesmo — se refiram aos aspectos que acabamos de acentuar. Talvez que depois, pensamos nós, eles venham a retomar o tema.

EDITORIAL

Seja como for, já era altura de haver notas, indicações, sobre matérias tão complexas. Quer-nos, porém, parecer que a ausência de referências aos temas que são da nossa competência não surgiram por uma só razão: é que foram subestimados!

Os autores das reformas não lhes deram a devida importância, pois tinham outra óptica. E convenhamos: a óptica da Biblioteca, do Arquivo ou do Centro de Documentação, é uma óptica que custa a entrar no quotidiano...

Por isso aqui estamos, por isso pedimos que os assuntos das nossas especialidades sejam trazidos à ribalta das reformas. E fazêmo-lo não por chauvinismo ou por deformação profissional. Fazêmo-lo, sim, para que as reformas projectadas tenham em consideração estruturas que lhes são fundamentais. Não as queremos amputadas ou deformadas logo de nascença. Por isso queremos que a Biblioteca, o Centro de Documentação, o Arquivo, a Informação Científico-Técnica, a Leitura, a Iniciação na aprendizagem das técnicas bibliográficas sejam elementos que constituam bagagem indispensável de toda e qualquer reforma. Não podem faltar, sob pena de malogro, o que ninguém deseja.